

Relato de Experiência

Decolonizando a avaliação: 4 conclusões de um painel de doadores

Decolonizing evaluation: 4 takeaways from a donor panel

Benjamin Isaac Bestor^{1*}

¹Global Development Policy and Learning at InterAction, Washington, DC, Estados Unidos da América

Benjamin I. Bestor, Program Manager,
Global Development Policy and
Learning at InterAction.

COMO CITAR: Bestor, Benjamin Isaac. (2023). Decolonizando a avaliação: 4 conclusões de um painel de doadores. *Revista Brasileira de Avaliação*, 12(3), e124223. <https://doi.org/10.4322/rbaval202312042>

Resumo

A busca por conceitos e práticas que ajudem a decolonizar as práticas avaliativas e fomentar construções autônomas no sul global tem sido uma pauta crescente em muitos espaços. Além do que vem sendo debatido em cada nação, o tema da decolonização tem ganho espaço nas relações de ajuda internacionais, cujo histórico é marcado por práticas que colocam a avaliação sempre a serviço dos doadores e dos atores que ocupam posições privilegiadas no poder. Este artigo discute o tema da decolonização a partir de um painel que reuniu representantes da Fundação Ford, USAID e Start Fund, em um diálogo franco promovido pela InterAction. O artigo apresenta 4 lições que têm sido valorizadas pelos financiadores: ir além do tokenismo, avaliar para o aprendizado de todas as partes interessadas, não impor métodos ou abordagens de avaliação e desonerar os parceiros locais.

Palavras-chave: Avaliação decolonial. Filantropia. Avaliação. Aprendizagem.

Abstract

The search for concepts and practices that help decolonize evaluative practices and foster autonomous developments in the global South has been a growing agenda in many spaces. In addition to what has been debated in each nation, the theme of decolonization has gained ground in international aid relationships, whose history is marked by practices that always place evaluation at the service of donors and actors holding privileged positions of power. This article discusses the topic of decolonization based on a panel that brought together representatives from the Ford Foundation, USAID, and the Start Fund in an open dialogue promoted by InterAction. The article presents four lessons valued by funders: going beyond tokenism, evaluating for the learning of all stakeholders, not imposing evaluation methods or approaches, and relieving local partners of burdens.

Keywords: Decolonial evaluation. Philanthropy. Evaluation. Learning.

A RBAVAL apoia os esforços relativos à visibilidade dos autores negros na produção científica. Assim, nossas publicações solicitam a autodeclaração de cor/etnia dos autores dos textos para tornar visível tal informação nos artigos.

Recebido: Novembro 14, 2023

Aceito: Novembro 20, 2023

***Autor correspondente:**

Benjamin Isaac Bestor

E-mail: bbestor@interaction.org



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



Nos últimos anos, surgiu um coro cada vez maior de vozes pedindo a decolonização das relações de ajuda, o que exige uma reavaliação da maneira como os programas são elaborados e da maneira como são oferecidos. A avaliação, o processo de avaliar de forma crítica e sistemática o desenho, a implementação, o aprimoramento ou os resultados de um programa, é parte integrante desta conversa mais ampla sobre decolonização.

Quando se trata de avaliar um projeto ou programa, vale a pena refletir sobre várias questões. O que constitui "eficácia", como isso é determinado e de acordo com quem? Os valores, as prioridades e as visões de mundo de quem estão moldando a avaliação?

Historicamente, os doadores e as organizações não governamentais internacionais (ONGs), ou em outras palavras, as "pessoas de fora" (*outsiders*) têm determinado o que é avaliado, quando é avaliado, por quem e com quais metodologias, com pouca contribuição significativa das pessoas que tais programas pretendem alcançar. Isso precisa mudar. Mas como é a mudança?

A decolonização da avaliação exige que nos concentremos em quem está fazendo o trabalho e como esse trabalho é feito. Em primeiro lugar, isso significa nivelar o campo de atuação entre doadores, avaliadores, implementadores e comunidades. Em segundo lugar, significa identificar e abordar os desequilíbrios de poder em todo o sistema de avaliação, desde a concepção e implementação de uma avaliação até a disseminação e utilização de seus resultados. E isso é desafiador, pois nos obriga a reconsiderar não apenas a maneira como fazemos avaliações (por exemplo, métodos utilizados), mas até mesmo a maneira como pensamos sobre as avaliações (por exemplo, o objetivo da avaliação).

Em 22 de setembro de 2022, a "*Evaluation and Program Effectiveness Community of Practice*", da InterAction, reuniu um painel de representantes de três organizações doadoras para falar sobre como elas estão lidando com tais desafios. O painel incluiu Subarna Mathes, Diretora Sênior de Estratégia e Avaliação da equipe de Estratégia e Aprendizagem da Fundação Ford; Colleen Brady, Especialista Sênior em Monitoramento, Avaliação e Aprendizagem que apoia o Hub de Parcerias da USAID como contratada pela ZemiTek, LLC; e David Burt, Gerente de Monitoramento, Avaliação, Responsabilidade e Aprendizagem do Start Fund, um fundo de resposta humanitária administrado por membros da Start Network.

Os participantes do painel falaram sobre o que significa decolonizar ou mudar o poder na prática da avaliação e o que suas organizações estão fazendo a respeito. Suas respostas oferecem percepções valiosas para qualquer pessoa comprometida com a descolonização da avaliação. Aqui estão quatro conclusões dessa conversa:

1. Ir além do tokenismo²: mudar o poder na avaliação requer mais do que abordagens participativas simbólicas; requer o envolvimento significativo das partes locais interessadas durante todo o processo de avaliação, e mesmo antes. "*Muitas vezes, a primeira coisa que nos vem à mente em relação às abordagens participativas é como podemos trazer as comunidades locais para a coleta de dados ou para os processos de análise de dados; por exemplo, contratar uma equipe local como entrevistadores ou agentes de campo*", diz Colleen. Ela acrescentou: "*As abordagens participativas na avaliação precisam começar com abordagens participativas na implementação*", antes mesmo de a avaliação ser realizada. Subarna concordou com esses pensamentos, observando que "*se você não pensar em maneiras de difundir o poder no projeto [do programa] e na distribuição de quem recebe os recursos, então a avaliação é um pouco defasada*". Ao integrar as vozes dos parceiros no processo de elaboração do programa, uma organização pode tomar medidas para decolonizar não apenas a avaliação, mas o próprio programa. Isso requer tempo e intencionalidade, mas gera uma avaliação mais forte com maior adesão.

¹ Em tradução livre: Comunidade de Prática de Avaliação e Eficácia de Programas.

² A expressão tokenismo, que surgiu nos anos 60 nos Estados Unidos, deriva do termo inglês *token*, que significa símbolo. Consiste na prática de fazer publicamente pequenas concessões a um grupo minoritário para ocultar ou evitar acusações de preconceito, exclusão ou discriminação.



- 2. Avaliar para o aprendizado de todas as partes interessadas:** quando se trata de avaliações, deve haver maior ênfase no aprendizado e na adaptação, em vez de conformidade e responsabilidade. Em última análise, o principal objetivo das avaliações é produzir conhecimento útil. Mas para quem o conhecimento deve ser útil e de quem é a “utilidade” priorizada na elaboração de uma avaliação? A avaliação não pode ser apenas sobre o aprendizado do lado do doador. É fundamental aprender com as avaliações para beneficiar tanto os doadores quanto as comunidades. Alocar tempo e financiamento para levar os dados às comunidades e fechar os ciclos de feedback compartilhando os resultados da avaliação com todas as partes interessadas, garantindo assim que o aprendizado incentive a melhoria contínua e a apropriação dos resultados em todos os níveis. Como observou um participante em um mural interativo durante o painel, *“a avaliação precisa criar tanto ou mais valor para os participantes, de modo que seja relacional e aditiva, não extrativa”*.
- 3. Não imponha métodos ou abordagens de avaliação:** no setor, historicamente, há uma preferência ou dependência de determinados métodos e abordagens de avaliação. O financiamento muitas vezes depende da divulgação de determinadas métricas ou da avaliação de tópicos que sejam de interesse dos doadores. Como resultado, as estruturas de monitoramento e avaliação são impostas às organizações e influenciadas pela dinâmica do poder. David ressalta que *“o medo de não obter financiamento futuro costuma ser suficiente para impedir que as organizações tentem coisas novas ou mudem suas metodologias”*, mesmo que os métodos ou as métricas não façam muito sentido. O perigo de seguir o método ou a abordagem preferida de um doador, independentemente do contexto ou das circunstâncias, é que isso pode significar a perda de conhecimentos e aprendizados importantes. Por exemplo, a imposição de um determinado método ou métrica sem levar em conta o contexto, ou os pontos de vista das comunidades locais, pode produzir conclusões enganosas, o que significa que os resultados de uma avaliação podem não refletir com precisão as experiências das pessoas atendidas. Em vez disso, os doadores devem estar abertos a trabalhar com parceiros, avaliadores e comunidades para determinar os métodos e abordagens apropriados em cada contexto. A avaliação deve ser uma cocriação entre todas as partes interessadas.
- 4. Desonerar os parceiros locais:** os participantes do painel identificaram várias maneiras pelas quais os doadores podem reduzir os encargos de seus parceiros. Uma delas é usar o idioma local. Na prática, isso poderia incluir a emissão de solicitações de propostas ou a aceitação de avaliações escritas em outros idiomas. Exigir o inglês cria uma barreira para quem não fala inglês ou para aqueles que não têm o inglês como idioma principal. Em vez de se concentrarem no trabalho que interessa, os parceiros se preocuparão com a tradução de documentos. O uso do idioma local também melhora a acessibilidade para as comunidades locais, garantindo que elas possam revisar, confirmar e compartilhar os resultados em seu idioma.

Uma segunda medida prática é não impor requisitos onerosos, seja respondendo à longas solicitações de propostas, realizando esforços extensos de coleta de dados ou elaborando relatórios que sejam simplesmente um exercício de assinalar itens em uma lista sem foco na utilização. Subarna explicou como a Fundação Ford tomou medidas para simplificar seu processo de solicitação de propostas para os avaliadores, inclusive removendo os limites de páginas dos envios e não exigindo um orçamento detalhado nem um plano de trabalho. Em vez disso, a Fundação Ford adota uma abordagem em busca de um diálogo de alto nível para iniciar uma conversa com o(s) avaliador(es), antes de tomar uma decisão. Em termos de coleta de dados, os doadores podem reduzir a ênfase na coleta de grandes volumes de dados que nunca serão usados ou que estão relacionados apenas tangencialmente ao programa em questão. Se não for fundamental para o programa, os parceiros não devem gastar um tempo valioso coletando dados.

Terceiro, os doadores devem comunicar claramente suas expectativas desde o início, começando pelo processo de solicitação de propostas. Muitos avaliadores já foram vítimas de processos que exigem recursos financeiros e humanos significativos e comprometimento de tempo por parte do avaliador, sem muita clareza sobre o que o doador está realmente procurando.



Os doadores podem ajudar os avaliadores definindo claramente o que querem, quando e como. Por exemplo, em uma solicitação de proposta, indique seus objetivos e perguntas de avaliação, identifique o orçamento e explique o que você quer de um parceiro de avaliação e os critérios para selecioná-lo. Forneça um cronograma para o processo de revisão e seleção. E, o mais importante, solicite *feedback* de todos os candidatos para aprimorar os processos no futuro.

Fonte de financiamento

Não há

Conflito de interesse

Uma primeira versão deste artigo de opinião foi publicada em novembro de 2022, no sítio web da InterAction, organização da qual sou Coordenador Sênior de Programas. A pedido do editor-chefe da Revista Brasileira de Avaliação, retomei o texto original para atualizá-lo e apresentá-lo aqui. Sua publicação em língua portuguesa é também um gesto que procura facilitar o diálogo com a comunidade avaliativa brasileira.

Agradecimentos

À tradutora Tayná Mendes, socióloga, mestranda em sociologia pelo PPGSA/UFRJ e pesquisadora do NIED/IFCS.